

Marcas & Negócios

ABRASEL/DF

Custos altos impactam no lucro

Apesar da redução significativa de casos de covid-19, a pandemia deixou sequelas consideráveis no setor de alimentação fora do lar, devido às restrições causadas pelo isolamento social. De acordo com a pesquisa mais recente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), realizada nacionalmente com empresários da área entre 20 e 28 de março deste ano, o segmento ainda luta para se livrar das dívidas acumuladas.

A entidade estima que quase um terço das empresas ficou no vermelho em fevereiro, o pior índice desde maio de 2022. Outros 36% trabalharam com estabilidade e apenas 33% tiveram lucro, uma queda de 10 pontos percentuais com relação ao mês anterior. O estudo também indicou que a piora do quadro econômico empresarial atingiu todos os índices medidos pelo levantamento.

Responsável por representar e desenvolver o setor de alimentação fora do lar, contribuindo para facilitar o empreender e melhorar a qualidade de vida no Brasil, a organização tem 27 seccionais, em todas as unidades federativas, e 32 regionais. Em Brasília, é representada por Beto Pinheiro, presidente da Abrasel do Distrito Federal.

“A Abrasel possui um conselho de diretores para poder participar de todos os encaminhamentos e processos que acontecem na cidade, que influenciam direta ou indiretamente o nosso setor de alimentação fora do lar. Na prática, a nossa representação é por meio de uma assessoria parlamentar onde acompanhamos todos os projetos de lei que estão em andamento na Câmara Legislativa (CLDF). Acompanhamos esse relacionamento com o Legislativo e o Executivo para podermos cuidar de tudo que influencia o nosso segmento”, explica Beto.

Além disso, o presidente destaca que a entidade possui parcerias com marcas capazes de fomentar a atuação dos

empresários da cidade. Com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), por exemplo, a Abrasel leva consultorias e treinamentos para os seus associados. Essa iniciativa possibilita que os empreendedores tenham acesso a assuntos trabalhistas, tributários e contábeis.

“Nosso intuito é trazer informações que ajudem no desenvolvimento dos negócios. Nesse sentido, para auxiliar ainda mais no êxito dos estabelecimentos, também disponibilizamos muitas parcerias comerciais. Conversamos muito sobre fornecedores e prestadores de serviços, assim como bons preços no mercado. Tudo isso fazemos para a nossa base”, ressalta. Atualmente, a Abrasel conta com 432 associados.

Destaque na economia

No fim de fevereiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou, por meio dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), que o grupamento “Alojamento e Alimentação” — do qual bares e restaurantes representam cerca de 85% do total — criou 181 mil novos empregos em 2022, chegando a 5,34 milhões de trabalhadores. Esse número foi considerado o maior desde o último trimestre de 2019.

“A importância do nosso setor de alimentação fora do lar, para a economia, é gigante. Hoje, nós temos uma capilaridade muito grande. Em Brasília, nós somos um dos maiores empregadores da cidade, ao lado do setor de construção civil. Temos bastante empregos diretos e indiretos. Nesse aspecto, além de oferecer muitas vagas, a gente também gera muitas oportunidades de primeiro emprego. Jovens que não têm experiência e que acabam iniciando a sua vida profissional, dentro dos restaurantes”, comenta Beto.



Em Brasília, nós somos um dos maiores empregadores da cidade, ao lado do setor de construção civil. Temos bastante empregos diretos e indiretos”

Divulgação



TRÊS PERGUNTAS / Beto Pinheiro, presidente da Abrasel/DF

Qual o desafio da alimentação fora do lar?

O desafio do setor é a margem de lucro. A grande questão é trabalhar, vender e ter margem para pagar as dívidas que o nosso setor tem. Isso porque as empresas tiveram as suas margens reduzidas. Várias linhas do nosso plano de contas subiram, então, aumentou o aluguel nesse período de pandemia com o IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado) e também os preços, no geral. Temos, também, mais dois cenários: o primeiro é a questão da reforma tributária, que a gente já está esperando um impacto negativo por conta do aumento dos impostos. O outro refere-se ao aumento de gasto com equipe.

Como a pandemia impactou o setor?

A pandemia teve um impacto muito forte no nosso setor. Gerou muito prejuízo, muitas demissões e, infelizmente, vários restaurantes não conseguiram se recuperar, enquanto outros, se endividaram. Com relação à questão das dívidas, as pesquisas que temos feito pela Abrasel mostram que mais de 70% do nosso setor têm problemas com as finanças. Temos um percentual de empreendedores que estão trabalhando apenas para pagar dívida e sobreviver. A situação do setor, de uma maneira geral, é difícil.

Qual a sua avaliação sobre o empreendedorismo no DF?

Avalio que Brasília é uma cidade muito boa para empreender. Temos um excelente público no que diz respeito

à quantidade de pessoas na região e, também, na renda per capita. No entanto, o empresário não pode se iludir com isso. Ele tem que pensar em um produto ou um serviço que se adequa ao perfil do consumidor na nossa cidade. Tem muito empresário que vem de fora e acaba não tendo sucesso porque acha que há muito dinheiro em Brasília e, com isso, qualquer coisa que for colocada aqui dará certo. Não é bem assim. Tem que ter prudência e tem que adequar o produto para o perfil do consumidor que nós temos na cidade. A capital tem potencial, mas tem suas peculiaridades, como em qualquer mercado. Por isso, é preciso de cuidado para não acabar se prejudicando e abrindo um negócio que não vai ser bem sucedido.

COMPORTAMENTO / Aproximadamente 10 mil indígenas vivem no Distrito Federal. O **Correio** ouviu alguns deles para saber como é morar na capital do país, as maiores dificuldades que enfrentam e o que fazem para manter a cultura de suas aldeias

Da floresta para a capital

» CRISTINA ÁVILA
ESPECIAL PARA O CORREIO

“Somos a ponta da flecha”, compara Júnior Xukuru Ororubá, de Pesqueira (PE), que mora em Sobradinho. O termo se refere à posição estratégica na organização indígena nacional por estarem em Brasília prontos para emergências em manifestações políticas. Ele é membro do Conselho Indígena (CIDF) e estima que 10 mil indígenas morem no Distrito Federal, de acordo com informações colhidas em programas como as campanhas de vacinação.

Oficialmente, os dados mais recentes sobre indígenas que migraram de outros estados para Brasília são de 2015, da extinta Codeplan (Companhia de Planejamento do Distrito Federal), que utiliza os mesmos números do IBGE de 2010. Contam 6.128 no DF “Somos 78 povos em Brasília. Número expressivo, já que são 305 no total no Brasil”, compara Júnior Xukuru.

Os motivos de virem e permanecerem no DF são variados. “Muitas vezes por saúde ou educação. Trazem as famílias e, durante o tratamento, os filhos vão para a escola, as famílias vão criando raízes e acabam ficando”, cita Júnior. Alguns chegam aqui para resolver problemas na Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e participar de audiências em tribunais e acabam ficando na capital.

Júnior chegou em 2009 para resolver imbróglios da organização indígena da qual é parte e se instalou com parentes em 48 hectares próximos ao Ribeirão Sobradinho,

Carlos Vieira/CB/D. A Press



Indígena histórica do Setor Noroeste, Tanoné sobrevive do artesanato e de palestras que faz, enquanto Fêtxawewe Tapuya cursa ciências sociais na UnB

a menos de 100 metros dos prédios da quadra 9. O lugar é ocultado pela vegetação do Cerrado. Ele diz que ali existem 12 nascentes e o lugar é habitado por tucanos, araras, veados e “até onça”. No local, os Xukuru celebram o ritual Pisada do Toré, usando as barrilitas típicas de palha na cabeça, com cantos e maracá. Quando tocam o memby (flauta), vão batendo o jupago, uma espécie de raiz de batata da qual fazem uma borduna, em chamamento aos espíritos. A religiosidade é para eles uma forma de resistência e acolhimento.

A área em Sobradinho serve também de ponto de apoio para povos que vêm a Brasília. Foi cedida aos Xukuru pela Secretaria de Patrimônio da União (SPU). “Foi uma retomada que fizemos em 2015”, lembra Júnior. O local era

ocupado por uma igreja. Segundo ele, quem orientou a reivindicação foi Santxiê Tapuya, que criou o Santuário Sagrado dos Pajés, no bairro Noroeste, no final da Asa Norte. Ele chegou na capital nos 80 e morreu em 2014.

O Noroeste hoje têm, além do santuário, três reservas indígenas. Tuxá, Guajajara e Kariri Xokó, onde vive a cacica Tanoné Kariri Xokó. Sobrevive do artesanato que vende e de algumas palestras que faz para a LBV (Legião da Boa Vontade). Ela chegou em 1986 para tratamento de saúde, vinda da aldeia Porto Real do Colégio, de Alagoas. “Recebi a palavra do grande espírito para consagrar um remédio da mata e me curei.” Na aldeia onde cresceu ser indígena significa conhecer o segredo do Ouricuri, ritual ao qual se mantém fiel até

hoje, ali mesmo nas matas ralas do bairro de classe média.

No Santuário dos Pajés também mora o jovem Fêtxawewe Tapuya Guajajara Veríssimo, que cursa Ciências Sociais e é presidente da Associação dos Acadêmicos Indígenas da UnB (AAIUnB). Ele relata que a UnB tem 251 estudantes indígenas na graduação e pós-graduação. Poucos moram na casa do estudante da universidade. “Moram nas periferias do Distrito Federal. O maior número é de Ticuna, do Amazonas, são 61, residentes em pequenas repúblicas em São Sebastião”, conta.

Racismo

Fêtxawewe lembra que ao chegar a Brasília os estudantes indígenas sentem o choque cultural. “O

mais forte é a língua. Também sentem dificuldades com locomoção, e a cidade é muito cara.” Outra característica são os relatos sobre racismo. “Já tive professor na antropologia que me perguntou se sou ‘índio de verdade’. Eles estudam indígenas, fazem trabalhos com foco em comunidades indígenas, mas não os compreendem. Os preconceitos são piores ainda quando são indígenas do Nordeste. Já chorei por isso. Me tornei mais forte, mas chorei, quis desistir. Mas não posso, minha família acredita muito em mim”. A ideia dele é se formar e usar o conhecimento profissional para ajudar na luta indígena.

“Na UnB tem bullying. Nos tratam como inferiores e fazem piadinhas. Muitos alunos são reprovados porque se sentem maltratados e voltam para as aldeias”,

assegura a estudante de mestrado em linguística antropológica Elenira Oliveira, do povo Apurinã, do Acre, que mora na Vila Planalto. Desde os 17 anos, ela leciona matemática, português, artes, línguas indígenas e linguagem de sinais própria dos indígenas para surdos.

Elenira diz que geralmente o português é uma das grandes dificuldades para o ingresso e permanência de indígenas nas universidades. “Muitos povos não falam a língua dos colonizadores nas aldeias. E somente com o domínio do idioma os estudantes conseguem se apropriar do conhecimento”, enfatiza. A professora critica as universidades brasileiras por praticamente não terem contratos com professores especializados para acompanhar os estudos dos alunos.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

